

# Quem o Feminismo em IHC deixou de fora? Proposta de uma Agenda a partir de Correlações entre Feminismos e IHC no Brasil

Marília Abrahão Amaral<sup>1,2</sup>, Leonelo Dell Anhol Almeida<sup>1,2</sup>, Leander Cordeiro de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento Acadêmico de Informática - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

<sup>2</sup>Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

{mariliaa, leonelo, leanderoliveira}@utfpr.edu.br

***Abstract.** Feminism theories have been a way to reinforce social commitments in Human-Computer Interaction. In this essay, we start from the agenda proposed by Bardzell, combining it with the contribution of values presented by the fourth wave of feminism in Brazil and studies in Science, Technology and Society. As a new perspective we have the revitalization of this agenda presented in the results of this essay.*

***Resumo.** As teorias provenientes do feminismo vem sendo um caminho para reforçar compromissos sociais em Interação Humano-Computador. Neste ensaio, partimos da agenda proposta por Bardzell aliando-a com o aporte de valores apresentados pela quarta onda do feminismo no Brasil e dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Como nova perspectiva, temos a revitalização desta agenda apresentada nos resultados deste ensaio.*

## 1. Introdução

De acordo com Bardzell (2010), as teorias feministas podem ser consideradas aliadas da área de Interação Humano-Computador (IHC), por conta de seus compromissos com questões como: identidade, equidade, empoderamento, agência e justiça social. Estas seriam algumas das qualidades feministas de IHC consideradas em sua agenda para o design, em uma perspectiva de IHC de Terceira Onda.

Conforme Bødker (2015) e Harrison, Sengers e Tatar (2007), na Terceira Onda<sup>1</sup> de IHC o contexto de interação entre humano e as diversas tecnologias são alargados e interrelacionados no cotidiano das pessoas, em suas experiências vividas e em aspectos que abordam questões sociais, culturais, políticas, de raça-etnia e gênero em pauta nos dias atuais.

Neste ensaio, procuramos desenvolver um paralelo entre a área de IHC, no contexto da Terceira Onda em IHC, e os valores apresentados pela quarta onda do

---

<sup>1</sup> Nesta publicação optou-se por não discorrer conceitualmente pelas três ondas em IHC para aprofundar diretamente na Terceira Onda, foco desta pesquisa.

feminismo no Brasil, considerando o recorte de Olívia Perez e Arlene Ricoldi (2018)<sup>2</sup>, em sua pesquisa intitulada “A quarta onda do Feminismo - Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos”. A escolha por Perez e Ricoldi (2018) é motivada por estas compreenderem a quarta onda do feminismo por meio de uma sistematização de pesquisas acadêmicas brasileiras para definirem alguns traços do dito feminismo interseccional (quarta onda) no Brasil: a) a mobilização construída e divulgada na internet, b) a interseccionalidade e, c) a atuação por meio de coletivos.

A partir do conjunto de qualidades de design de interação do feminismo (i.e. pluralismo, participação, ecologia, *advocacy*, corporificação e autorevelação/autodivulgação) exposto por Bardzell (2010) em sua agenda com o cotejamento das reflexões desta quarta onda do movimento feminista (Perez e Ricoldi, 2018) propomos aqui responder a questão "Quem o Feminismo em IHC deixou de fora?" por meio de uma revitalização da agenda de Bardzell (2010) considerando neste ensaio que a Interação Humano-Computador é interseccional, interdisciplinar, situada, contextualizada<sup>3</sup>, conforme os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade<sup>4</sup>.

## **2. Caminhos na IHC para discussões das Humanidades.**

Na área de IHC, um espaço para discussões que envolvem as humanidades, considerando a lente do campo de estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) é a Terceira Onda de IHC. Embora as três ondas (Bødker, 2015 e Harrison; Sengers; Tatar, 2017) estejam imbricadas, é neste contexto de IHC, com forte influência das ciências humanas e sociais (Bardzell e Bardzell, 2015) que parece mais profícuo discutir, de maneira situada, portanto não neutra, as consequências sociais e computacionais tensionadas em meio às relações dadas entre pessoas e artefatos tecnológicos

Para Bardzell e Bardzell (2015) a IHC que traz esses fundamentos e motivações emancipatórios alinha-se com escolas de pensamentos que repensam questões de intersexualidade, feminismos, gênero, corporalidade, decolonialidade e teoria crítica da tecnologia para compreender as interações entre humanos e artefatos de forma situada. Nesta perspectiva, o recorte da pesquisa aqui apresentada envolve o feminismo interseccional no Brasil.

---

<sup>2</sup> Necessário este recorte para priorizar a apresentação da agenda aqui proposta, embora seja notável revelar a diversidade de autoras e autores que emergiram do mapeamento de Perez e Ricoldi. Entre elas podemos destacar a obra Os feminismos e suas ondas de Magda Guadalupe Santos (2016); Luciana Tatagiba (2014), com o artigo 1984, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil; Flávia Rios, Perez e Ricoldi (2019), na obra Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo.

<sup>3</sup> Situado, considerando que a trajetória, a perspectiva, a corporificação das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento em IHC apoia esta crítica à não neutralidade dos artefatos computacionais relacionando sujeitos (que desenvolvem) aos objetivos (artefatos computacionais) (Haraway, 1995). Contextualizado, a partir do diálogo estabelecido nas práticas sociais, na leitura do mundo (que precede a leitura do digital) que nos levam a conscientização (Freire, 2014).

<sup>4</sup> No campo dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade, são articulados conceitos que contribuem para reflexões acerca dos aspectos sociais da Ciência e Tecnologia como a interdisciplinaridade (Linsingen, Bazzo & Pereira, 2003), a não-neutralidade da tecnologia (Winner, 1980), a não-linearidade da tecnologia (Feenberg, 2013), (Linsingen, Bazzo & Pereira, 2003), o não-determinismo tecnológico (Feenberg, 2013), (Winner, 1980) e a participação (Montero, 2004).

Este recorte é desenvolvido com base em valores que emergiram da já citada pesquisa de Olívia Perez e Arlene Ricoldi (2018), que apresenta reflexões sobre o feminismo contemporâneo no Brasil, influenciado pela interseccionalidade definida em (Crenshaw, 2002), por meio de uma "subordinação estrutural, a confluência entre gênero, classe, globalização e raça. (Crenshaw, 2002, p.14)". Perez e Ricoldi (2018) sistematizaram a produção acadêmica brasileira sobre o tema no Portal de Periódicos da Capes e no Google Acadêmico, no ano de 2018, utilizando a expressão "quarta onda" e "feminismos" no título ou resumo da produção. As autoras identificaram 58 que apresentam definições para a quarta onda feminista no Brasil.

Os três traços ou valores principais desta quarta onda do movimento feminista no Brasil, dada a análise (Perez e Ricoldi, 2018), são: a) a mobilização construída e divulgada na internet: demonstrando a importância do ciberativismo realizado por coletivos; b) a interseccionalidade: que traz sua lente de análise para além da categoria do gênero, envolvendo raça-etnia, classe social e, para nosso contexto brasileiro, outros marcadores como sexualidade, capacitismo, etarismo, religião, territorialidade e cultura; c) a atuação por meio de coletivos, que valoriza a relação dos movimentos sociais com o estado e a ocupação de cargos públicos por parte das pessoas provenientes destes movimentos. Além desses 3 traços, na referida pesquisa (Perez e Ricoldi, 2018) tem-se a ocorrência de outros: sororidade; questionamento sobre os padrões de beleza e o decolonialismo, que também são relevantes para essa reflexão considerando a Terceira Onda de IHC e a Quarta Onda do Feminismo no Brasil.

Esses traços ou valores nos possibilitam articular elementos sociais, políticos, econômicos e culturais, no contexto brasileiro, com valores de IHC de Terceira Onda e valores do campo CTS, como: compreensão de (não-)usos das tecnologias, participação, representatividade nas apropriações tecnológicas e também no desenvolvimento de tecnologias, não neutralidade dos artefatos tecnológicos (e por consequência das interações humano-tecnologias), não determinismo de tais artefatos, bem como compreensão de novos espaços para desenvolvimento destas tecnologias que extrapolem a academia.

Entendendo que o Feminismo em IHC ainda exclui pessoas é possível trazer uma lente crítica para pensar valores situados que nos permitam caminhar em um processo inclusivo, tanto pensando em quem utiliza as tecnologias, como em quem as desenvolve. Uma forma de organizar essas reflexões é a proposta de uma "Agenda para Interseccionalidades em IHC no Brasil". Assim, nos apropriamos do conceito de interseccionalidade de Crenshaw, (2002), que problematiza a interseccionalidade: "...nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas, mas sim com grupos sobrepostos" (Crenshaw, 2002, p.4). A próxima seção apresenta a nossa proposta de agenda.

### **3. Uma agenda para Interseccionalidades em IHC no Brasil**

A Agenda de IHC Feminista proposta por Bardzell (2010) reúne qualidades como: pluralismo, participação, ecologia, *advocacy*, corporificação e autorevelação/autodivulgação, conforme Quadro 1. Reconhecemos a importância de tais valores e partimos deles nesta proposta situada, porém entendemos a necessidade de revitalizá-los a partir das lentes do Feminismo de Quarta Onda no Brasil e dos estudos

em Ciência Tecnologia e Sociedade para utilizar tais valores como categorias de análise futuras em nossas pesquisas.

Quadro 1 - Indicadores de revitalização da Agenda de IHC Feminista de Bardzell (2010).

Qualidades Feministas de IHC (Bardzell, 2010)	Revitalização
Pluralismo: A experiência humana é muito variada para ser capturada dentro do conceito de universalismo, portanto, o pluralismo, ou heterogeneidade, no design é de importância crítica para o trabalho de IHC.	Interseccionalidade
Participação: envolver os usuários como contribuintes ativos para o processo de design é importante para compreender e respeitar contribuições dessas pessoas.	Ativismo
Advocacy: Articulação de preocupações com os valores que são incorporados a um design, defendendo ideias bem motivadas para a criação de escolhas justas de design.	Politização
Ecologia: Manter o foco nas estruturas sociais mais amplas (ecossistemas) que um projeto impacta durante todo o processo de desenvolvimento.	Horizontalidade, Saberes situados
Corporificação: Contrastar noções anteriores de IHC de um usuário “fictício”, concentrar-se nos atributos materiais das interações humano-computador é essencial para compreender a maneira como as diferenças e semelhanças afetam a interação.	Ativismo Saberes situados
Autorevelação/autodivulgação: trazer à luz os pressupostos básicos inerentes ao design do dia-a-dia nos permite entender o quanto bem o modelo de design de um usuário corresponde aos usuários reais.	Saberes situados

Fonte: Autoria Própria

Desta forma temos aqui as seguintes concepções para nossa "Agenda para Interseccionalidades em IHC no Brasil":

a) Politização: complementando a qualidade *advocacy* de Bardzell (2010), entender a responsabilidade ética no desenvolvimento de artefatos digitais e a difusão de conteúdos machistas/sexistas/violentos (Perez e Ricoldi, 2018). Entender as posições/espacos de poder das pessoas que desenvolvem esses artefatos tecnológicos e discutir questões sobre a não neutralidade das tecnologias (Winner, 1980).

b) Horizontalidade: Bardzell (2010) em ecologia, considera a relevância de focar nas estruturas sociais mais amplas que podem ser desdobradas durante o processo de desenvolvimento de um projeto. Para nós, o valor de horizontalidade expande essa fronteira do projeto, ao propor que é necessário fomentar a educação crítica e cidadã em IHC, quiçá em Computação, para que todas e todos possam projetar, considerando diversas possibilidades/formatos de participações (Montero, 2004). Compreender os contextos de comunidades, de coletivos e de organizações com estruturas fluidas, considerando a não linearidade do desenvolvimento de artefatos tecnológicos, já que seus percursos de desenvolvimento são múltiplos, desiguais e marcados por negociações entre diferentes grupos sociais (Feenberg, 2013).

c) Interseccionalidade: para além do pluralismo, já defendido por Bardzell (2010) e corroborando com a pesquisa de Perez e Ricoldi (2018), entender os diferentes cortes que se sobrepõem sobre os mesmos corpos, para abordar uma IHC que preconize desenvolvimentos que problematizam a inclusão digital e social, considerando raça, etnia, classe, gênero, geração, sexualidade, religião, cultura e outros marcadores. Atuar para o aumento efetivo da representatividade nas equipes, ambientes de formação, academia e espaços não formais. Valorizar a característica interdisciplinar da IHC, para incorporar elementos críticos e reflexivos no desenvolvimento e uso dos artefatos tecnológicos (Linsingen, Bazzo & Pereira, 2003). Manter ativo o desafio de abordar as diferenças dentro da diferença, como proposto por Crenshaw (2002), na área de IHC.

d) Ativismo das pessoas: Partindo do conceito de Participação de Bardzell (2010), incentivar as pessoas que pesquisam, ensinam e desenvolvem a terem uma postura ativista (Bodker, 2015), considerando os valores aqui apresentados, para se engajarem em causas sociais de maneira genuína e assim desmistificar o determinismo tecnológico que cerca a área de computação (Feenberg, 2013, Winner, 1980). É necessário um olhar anti racismo, anti machismo, anti etarismo e etc. Considerar como formas de Interação Humano-Computador os valores dos movimentos on-line, como o ciberativismo e o ciberfeminismo, conforme apontado por Perez e Ricoldi (2018), compreendendo que o caminho entre computação e sociedade é uma via de mão dupla, tendo interferências das tecnologias nas vidas das pessoas, mas também das pessoas nas tecnologias.

e) Saberes situados: aliando a Corporificação, a Horizontalidade e a autorevelação/autodivulgação de Bardzell (2010), deslindar a necessidade de entender as origens, as histórias, a trajetória e a corporificação das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento (sejam pessoas desenvolvedoras, pessoas (não-)usuárias ou pessoas participantes de comunidades envolvidas) para valorizar os saberes, fazeres e querereres das pessoas participantes (Montero, 2004), inclusive os saberes não acadêmicos. Essas participações devem ser fomentadas por meio de práticas democráticas e dialógicas. Neste contexto é importante trazer a crítica ao decolonialismo (Perez e Ricoldi, 2018) (ALI, 2016) privilegiando os estudos centrados nas particularidades de nossos lugares, neste caso no Brasil, nas práticas em Interação Humano-Computador.

Por meio do estudo das interseccionalidades e dos estudos sociais da ciência e da tecnologia, esta proposta de agenda propõe ampliar os estudos em IHC sobre a sociedade, considerando os diversos cortes que se sobrepõem às pessoas. Pessoas que estão situadas, que têm corpos e interesses, pessoas que sofrem exclusões e discriminações, pessoas que são privilegiadas e detém o poder de tomada de decisão sobre suas vidas e sobre as vidas de outrem, enfim, pessoas em sua complexidade e não somente usuários operadores de coisas. Aliado a isso, a IHC tem a oportunidade de propor na área de computação uma necessária reflexão crítica a respeito da separação entre ciência, tecnologia e sociedade, que promove uma pretensa naturalidade ao desenvolvimento tecnológico, uma noção de evolução e uma ilusão de que qualquer desenvolvimento científico e tecnológico serviria ao bem-comum. Ao nos engajarmos em um desenvolvimento da IHC situado, politizado, interseccional e horizontal,

acreditamos encaminhar as pesquisas na área a um processo de tomada de consciência, que constitua bases para a transformação da computação.

## Referências

- Ali, Syed Mustafa. A brief introduction to decolonial computing. **XRDS: Crossroads, The ACM Magazine for Students**, v. 22, n. 4, p. 16-21, 2016.
- Bardzell, Shaowen. (2010). **Feminist HCI: Taking stock and outlining an agenda for design**. Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings. 2.
- Bardzell, Shaowen; Bardzell, Jeffrey. (2015). **Humanistic HCI: synthesis lectures on Human-Centered Informatics**. Morgan & Claypool Publishers.
- Bødker, Susanne. (2015). **Third-wave HCI, 10 years later** - Participation and sharing. interactions. 22. 24-31. 10.1145/2804405.
- Crenshaw, Kimberlé. (2002). **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Cruzamento: raça e gênero. Brasília, DF: Unifem.
- Feenberg, Andrew. (2013). **O que é a Filosofia da Tecnologia?** In Neder, Ricardo T. (Org.) A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia (pp. 49-66). Brasília: CDS/UnB/Capes.
- Freire, Paulo. (2014). **Pedagogia do oprimido**. Paulo Freire - 57ª ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Haraway, Donna. (1995). **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, (5), 7-41.
- Harrison, Steve; Tatar, Deborah; Sengers, Phoebe. (2007). **The three paradigms of HCI**. CHI, 2007, April 28 - May 3 - San Jose, USA. 2007.
- Linsingen, Irlan Von; Bazzo, Walter Antonio; Pereira, Luis Teixeira do Vale. (2003). **Introdução aos estudos CTS: ciência, tecnologia e sociedade**. Espanha: OEI, (Cadernos de Ibero-América).
- Montero, Maritza. (2004). **Introducción a la psicología comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos**. Buenos Aires, Argentina: Editorial Paidós.
- Perez, Olívia; Ricoldi, Arlene. (2018). **A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos**. 42º Encontro Anual da ANPOCS GT8 - Democracia e desigualdades. Caxambu.
- Santos, Magda Guadalupe. (2016) **Os feminismos e suas ondas**. Cult, n. 219 (Dossiê A Quarta Onda do Feminismo).
- Rios, Flávia., Perez, Olívia., & Ricoldi, Arlene. (2019). **Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo**. Lutas Sociais, 22(40), 36–51.
- Tatagiba, Luciana. **1984, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil**. Política & Sociedade, v.13, n.28, p. 35-62, 2014.
- Winner, Langdon. (1980). **Do Artifacts Have Politics?** In Winner, L. The Whale and the Reactor – A Search for Limits in an Age of High Technology (pp. 19-39). Chicago: The University of Chicago Press.